

IX Jornada de Educação Especial: Qualidade de Vida para as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais: a dimensão das relações políticas, educacionais e familiares. Marília: unesp, 2008

A ARTE COMO ESPAÇO PARA PROMOÇÃO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA: MOMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO NO COTIDIANO DE SALAS DE AULA

Ediclea Mascarenhas Fernandes: Professora Adjunta do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada da Faculdade de Educação / UERJ- Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) - ediclea@globocom.com

Annie Gomes Redig: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora substituta do Departamento de Educação Inclusiva e Educação Continuada da Faculdade de Educação/ UERJ. annieredig@yahoo.com.br

Ester Alves da Silva: Graduanda do Curso de Pedagogia, bolsista do programa de Iniciação à Docência do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) - estermis@yahoo.com.br

Gabriela de Oliveira Feijó: Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) - gabievi@hotmail.com

Juliana Gonçalves de Souza: Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ); Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) – jugds@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho foi desenvolvido pelo programa de Iniciação à Docência “A Arte como espaço para promoção de uma escola inclusiva”, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Este projeto iniciou em abril de 2005, tendo várias aplicações em diferentes contextos, em escolas da rede pública e privada do estado do Rio de Janeiro. O projeto foi realizado em classes regulares inclusivas de Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos com alunos com deficiência auditiva e em uma instituição especializada para alunos cegos. Segue uma metodologia de quatro encontros, após a observação da turma e conversa prévia com os professores; nestes quatro encontros são narradas as biografias e expostas as obras de artistas com deficiência: Beethoven, Monet, Aleijadinho e o vídeo “Mãos”, produzido pelo Centro de Vida Independente, no qual mostra artistas com deficiência da atualidade. Para cada turma, houve a necessidade de adaptar os materiais utilizados. Os alunos ressignificaram as obras de arte, produzindo suas próprias obras, desta forma, os alunos e os professores perceberam-se como agentes de inclusão e que a arte possibilita momentos de reflexão dos processos de ensino-aprendizagem de todos os alunos, propiciando a construção de conhecimentos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Educação Especial, Adaptação curricular.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa vincula-se ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e tem o objetivo de discutir o projeto de Iniciação à Docência – *A Arte como espaço de promoção para uma escola inclusiva*. Este projeto iniciou em abril de 2005 e teve várias ramificações, todas em turmas que havia alunos com necessidades educacionais especiais. Foi aplicado em escolas da rede pública e privada do estado do Rio de Janeiro, na Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e em uma instituição especializada para alunos cegos.

Após dez anos da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), ainda se discute os pressupostos da Educação Inclusiva, que tem como proposta a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas classes regulares, no qual a escola deverá se adaptar e se transformar para receber estes educandos.

De acordo com Barbosa (2002), as práticas pedagógicas que partem do princípio que todos aprendem da mesma maneira, não são inclusivas nem se importam com a diversidade existente nas salas de aula e que uma Pedagogia Inclusiva, propõe que todos os alunos tenham a oportunidade de se ajudarem e ensinarem uns aos outros.

Através da Arte, as pessoas podem expressar seus sentimentos, emoções, criatividade e imaginação, criando assim, novas interpretações para as situações da realidade. Segundo Eisner (2005, p.84) “existem quatro coisas principais que as pessoas fazem com a arte. Elas vêem arte. Elas entendem o lugar da arte na cultura, através dos tempos. Elas fazem julgamentos sobre suas qualidades. Elas fazem arte”.

Este projeto segue uma metodologia de pesquisa participante, que contempla estes quatro pontos expostos por Eisner (2005), visto que, utiliza um modelo no qual os alunos e a professora poderão ressignificar suas atitudes com relação à inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais nas classes regulares. De acordo com Perondi, Tronca e Tronca (2001, p.247):

O papel fundamental do professor será o de levar o aluno a descobrir algo sobre esse mundo maior. Um mundo que o início se apresenta com forma restrita. Porém é possível a ampliação das possibilidades do conhecimento de si e dos outros, desenvolvendo em um contexto de idéias estimuladoras (Educação Estética como elemento mediador), estabelecendo princípios norteadores da compreensão desse mundo.

METODOLOGIA

A metodologia é aplicada em quatro encontros para o desenvolvimento do trabalho, além do acompanhamento da rotina da sala de aula, o conhecimento dos alunos e uma conversa prévia com a professora, discutindo os objetivos e a metodologia utilizada.

Nestes quatro encontros são narradas as biografias de artistas com deficiência: Beethoven, Monet, Antônio Francisco Lisboa – Aleijadinho e o Vídeo “Mãos” (produzido pelo Centro de Vida Independente – CVI, 1997), que mostra artistas deficientes na atualidade.

No encontro em que é contada a biografia de Beethoven, os alunos colocam as mãos nas caixas de som de olhos fechados, a fim de sentirem as vibrações das melodias. No dia de Monet, os alunos observam os quadros “A Ponte Japonesa”, pintada em 1899 e a sua última pintura do mesmo quadro, em 1923 e; o quadro “Os Jardins de Monet”. Então, os alunos tentam pintar de olhos fechados para sentirem as sensações de Monet. Com Aleijadinho, eles conhecem as esculturas dos profetas em pedra-sabão e no vídeo “Mãos”, os estudantes refletem sobre o projeto.

Após esta parte do projeto, os alunos confeccionam suas próprias produções, tentando vivenciar as experiências destes artistas, utilizando argila, tinta guache, desenhos e tudo que a imaginação permitir.

As fontes documentais para o estudo constituem-se nas produções realizadas pelos alunos, fotografias, as observações e os relatos colhidos pelo bolsista-pesquisador na sala de aula.

O COTIDIANO DAS SALAS DE AULA

A primeira turma em que o projeto foi aplicado era de Educação Infantil numa escola pública municipal com vinte alunos, sendo uma delas, portadora de paralisia cerebral (FERNANDES & REDIG, 2005, 2006, 2007). Após a desmistificação do laudo e a aplicação do projeto; notamos que a professora percebeu-se como agente de inclusão e os alunos como sujeitos ativos deste processo; pois através da exposição de seus sentimentos e do reconhecimento de que todos são capazes de produzir arte e fazer o que desejam, esta turma passou a ter um clima harmonioso, no qual ninguém mais tinha medo de se colocar para o restante da classe.

“Eu conheço um menino que tem o pé assim”. (relato do aluno N. – entortando o pé)

“Desenhei um pintor de olhos fechados.” (relato do aluno E.).

Nesta turma, havia uma aluna que não falava com adultos, apenas com as crianças e depois do projeto, ela passou a se comunicar e se relacionar com toda a comunidade escolar.

“A aluna IS já está falando com outros professores. O professor de Educação Física, veio falar comigo que ela depois de dois anos começou a falar com ele. Ela agora é ajudante do dia e já pede para ir ao banheiro sozinha.” (professora da turma).

A aluna, com paralisia cerebral, iniciou um processo de inclusão na turma e na escola, outros alunos que também possuíam alguma dificuldade de aprendizagem se beneficiaram do projeto, facilitando seu processo de interação com as demais crianças e professores.

Nesta mesma escola a pedido da Orientação Pedagógica, o projeto foi aplicado numa classe de alfabetização, com vinte e três alunos, sendo dois com necessidades educacionais especiais – um com síndrome de Coffin-Siris e outro aluno sem laudo conclusivo (FERNANDES & REDIG, 2006).

Nesta turma, a professora ficou animada com o projeto, visto que, a aluna que ainda não tinha laudo, não aceitava a presença de estranhos, chegando a fugir da sala no primeiro dia em que a pesquisadora se apresentou. Porém, com o passar dos dias e com o início das atividades, a aluna começou a participar e a demonstrar alegria e satisfação quando produzia sua arte.

“Ano passado tentei fazer com que ela usasse tinta a dedo, mas ela nunca quis, porque ela não gosta de sujar a mão e hoje ela está mexendo na argila.” (professora da turma).

No encontro em que foi passado o vídeo “Mãos”, que expõe artistas da atualidade, tem uma cena em que mostra pessoas surdas comunicando-se através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e, os alunos lembraram que na escola há uma turma especial para surdos e do Beethoven.

“Eu gostei da fita porque é bom aprender.” (relato do aluno H.)

Neste momento a professora conversou com eles e colocou que ninguém poderia mais dizer que não sabia fazer as coisas e que eles podem tudo. Percebemos que a turma se envolveu com as atividades, possibilitando a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Em um segundo momento, este projeto foi aplicado em uma instituição especializada para pessoas com deficiência visual, em uma turma de alfabetização, no qual todos os alunos e a professora eram cegos (FERNANDES, ORRICO, REDIG, LEAL & FEIJÓ, 2007). Assim, os recursos utilizados foram adaptados para que estes alunos e a professora pudessem compreender as obras.

A criança cega se relaciona com o ambiente por outros canais sensoriais, tendo uma imagem diferente das pessoas que enxergam ou daquelas que perderam a visão após a formação de conceitos visuais. O professor deve mediar essa leitura do ambiente em que ela está inserida para que possa compreendê-lo e não deve esquecer que é impossível imaginar o que seja uma imagem apenas auditiva, tátil ou olfativa de um objeto ou situação, por mais que se esforce. Quem enxerga possui a imagem visual daquele objeto ou situação que tenta imaginar. (OCHAITA *apud* BRASIL, 2003, p.24)

Foi utilizado pelos alunos apenas argila para a confecção de suas próprias obras de arte. No encontro em que deveria ser narrada a biografia de Monet e apresentada suas obras; adaptamos seus quadros de forma que os alunos pudessem percebê-los. Então, levamos

objetos como uma ponte e flores aromatizadas, para que fizessem com que os alunos viajassem pelas sensações que os quadros remetiam e, entendessem o que o pintor tinha reproduzido.

No momento em que os alunos tocaram na ponte de brinquedo que representava o quadro da “Ponte Japonesa”, uma aluna falou: *“é uma ladeirinha com dois negocinhos para segurar”*.

A materialização cristalizada do objeto, que não existia, passa a existir no mundo real e a influir sobre os demais objetos (...) O objeto cristalizado é fruto da imaginação combinadora do homem, possui forma nova, não sendo similar a nenhum modelo existente na natureza. (PERONDI, TRONCA e TRONCA, 2001, p.160)

Desta forma, os alunos puderam fazer suas próprias imagens mentais dos objetos estudados, ressignificando as obras dos artistas e percebendo-se como sujeitos de produção da subjetividade humana.

Observou-se, que estes alunos da escola especial para deficientes visuais demonstraram maior conhecimento acerca dos artistas apresentados no projeto, do que os estudantes da escola pública anteriormente estudada. Demonstrando a preocupação desta instituição especial em propiciar um currículo onde a Educação Artística é contemplada. Os alunos com deficiência visual reconheceram a música de Beethoven através da articulação com cenas de filmes, onde as mesmas fazem parte da trilha sonora.

Outra instituição onde o projeto foi desenvolvido é escola da rede privada localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. A escola atende a educação infantil e também ao primeiro ano do ensino fundamental (antiga Classe de Alfabetização – C.A.).

O encontro da escola com o NEI foi possível graças a um evento divulgado e promovido pelo próprio núcleo – Fórum Permanente de Educação Inclusiva / FORINPE (FERNANDES, GLAT, ORRICO, REDIG, LEAL & FEIJÓ, 2005). E foi a partir de então que surgiu uma parceria entre o NEI e esta escola, e fora solicitado ao núcleo um auxílio para desenvolver um trabalho com as crianças, da turma do primeiro ano do fundamental, pois nesta turma havia três crianças com as seguintes necessidades educacionais especiais: transtorno do déficit de atenção, hiperatividade e conduta típica de quadro de autismo. A seguir, o projeto foi aplicado numa turma de Educação Infantil onde havia alunos com paralisia cerebral incluídos em classe regular.

Nesta escola foi visível a modificação do olhar da comunidade escolar sobre as crianças com necessidades especiais. Até os pais dos alunos com deficiência foram à escola para saber o que tinha ocorrido de tão interessante que seus filhos estavam mais felizes e dispostos, a escola então os informou da aplicação do projeto nas turmas com alunos com necessidades

educacionais especiais, o que foi alvo de muitos elogios e curiosidade tanto por parte dos pais quanto por parte das crianças de outras turmas.

As experiências a seguir relatadas ocorreram numa turma do EJA (Educação de Jovens e Adultos) do ensino regular de uma escola da rede estadual de ensino. A turma era composta por sete alunos surdos declarados, além de alunos com: síndrome de Down, baixa visão, hiperatividade e outros considerados normais (DA SILVA, FERNANDES, DA SILVA, REDIG, 2007).

Nesta turma, a bolsista responsável pelo projeto era intérprete de LIBRAS e contou-se também com uma voluntária intérprete em LIBRAS. Ambas com ampla experiência na educação de jovens e adultos. As intérpretes foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho, já que esta língua é importante para a compreensão plena do aluno surdo e efetivar sua inclusão.

Os alunos que no primeiro encontro do projeto, observou-se com a auto-estima baixa e todos com histórico de fracasso escolar, descobriram através da arte suas potencialidades, sua autoconfiança; como um aluno com deficiência física, que levantou o olhar e passou a sorrir. De acordo com Serra (2006, p.97): “a arte aumenta a auto-estima de qualquer artista”.

No filme “O segredo de Beethoven”, a relação de troca entre Beethoven e Ana Holtz – sua aprendiz – deixou todos comovidos. Esta cena retrata a inclusão como uma possibilidade de troca, beneficiando todas as pessoas envolvidas que tenham uma deficiência ou não. Alguns alunos relataram:

“Eu entendo como ele se sentia! Eu também tenho minha Ana Holtz! Ela é minha filha!” (relato da aluna, cujo diagnóstico é de dificuldade de aprendizagem).

Muitas vezes, o fracasso escolar ocorre devido aos alunos não serem atendidos nas suas necessidades, sendo papel do educador ficar atento.

O Projeto também foi aplicado em uma creche, através de um convite da coordenadora pedagógica, pois tanto ela quanto os professores estavam tensos por não saberem como trabalhar com o aluno surdo de cinco anos. Ele era a única criança da creche com um aluno surdo incluído.

A professora do aluno surdo relatou que após o projeto mudou como pessoa e como profissional, adquirindo outro olhar que tinha sobre o potencial de seu aluno surdo e para com as pessoas com deficiência. Os alunos também mudaram o olhar e a relação ao aluno incluído, e passaram a ajudá-lo.

Antes o aluno surdo se expressava de uma forma que era considerada como agressiva, pela professora e os colegas, na realidade ele se esforçava para comunicar-se com eles através de

sinais e gestos. O projeto mediado pelo acesso a LIBRAS possibilitou uma grande melhora no processo de interação do grupo e da aceitação do aluno surdo.

Inspirados em Monet, os alunos “fizeram de conta” que guiavam o amigo cego, ajudando a pegar brinquedos... Foi importante o retorno deles, pois diziam ansiosos: “Tia, agora é a minha vez!” Eles guiaram muito bem o colega “cego”, mostrando a facilidade que a criança tem para aprender a lidar com a inclusão da pessoa com deficiência.

CONCLUSÃO:

Em todos os momentos do projeto percebemos a mudança nas atitudes dos professores e dos estudantes com relação à inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais. O processo de inclusão necessita de meios de intervenção para que ocorra com sucesso.

O trabalho desenvolvido nas turmas tanto nas escolas públicas, como na escola privada foi muito bem recebido pelas crianças, professores e familiares. Os alunos, independente da série em que o projeto foi aplicado compreenderam de forma significativa a intenção do mesmo, que era, antes de tudo possibilitar um novo olhar da comunidade escolar sobre a pessoa com necessidades educacionais especiais, olhar este que rompe com os sentimentos de pena e compaixão e passa a perceber que a deficiência não como sinônimo de incompetência ou incapacidade, mas sim de mais um obstáculo a ser ultrapassado e vencido por todos no processo grupal.

Durante aplicação do projeto, todos os alunos realizaram as mesmas atividades, e as adaptações curriculares foram primordiais para que os alunos pudessem participar e observar o seu próprio potencial, elevando a auto-estima.

A arte possibilita a expressão e estimulação dos sentimentos, emoções, criatividade e imaginação, respeitando a subjetividade dos alunos, facilitando então, o processo de ensino-aprendizagem deste alunado nas classes regulares, além do desenvolvimento pleno do indivíduo. De acordo com Perondi, Tronca e Tronca (2001, p.160) “a educação estética na idade escolar tende a despertar o ato criador nos alunos, tendo como meta formar seres humanos que sejam capazes de resolver seus problemas através da imaginação criadora”.

Com este projeto os professores se descobriram como agentes de inclusão, os alunos com necessidades educacionais especiais criaram uma identidade na turma e na escola, desenvolvendo relações sensíveis à diversidade humana existente nas salas de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. M. Arte e inclusão. In: ANDRIES, A. (Orgs). *Caderno de Textos: Educação, Arte, Inclusão*. Vol. 1, n. 1 (1. quadrim. 2002) - Rio de Janeiro: Funarte, 2002.

BRASIL. *Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002*. Disponível no site www.mec.gov.br. Acessado em 10 de agosto de 2007.

_____. Ministério da Educação e Cultura. *Orientação e Mobilidade: Conhecimentos Básicos para a Inclusão do Deficiente Visual*. 2003. Disponível no site www.mec.gov.br/seesp. Acessado em julho de 2007.

_____. *Decreto nº. 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Disponível no site www.mec.gov.br. Acessado em 10 de agosto de 2007.

DA SILVA, A. C. F.; FERNANDES, E. M.; DA SILVA, E. A.; REDIG, A. G. Educação inclusiva pela perspectiva da arte: trabalho realizado em uma turma regular de educação de jovens e adultos da rede pública de ensino com alunos surdos. In: *Anais eletrônicos do IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial*. Londrina: PR, 2007.

EISNER, E. Estrutura e mágica no ensino da arte. In: BARBOSA, A. M. (Orgs.) *Arte-educação: leitura no subsolo*. 6ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FERNANDES, E. M. & REDIG, A. G. Estudo de caso sobre adaptações curriculares em uma classe regular. In: *Anais de resumos do I Congresso Internacional de Linguagem e Comunicação da Pessoa com Deficiência e I Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa – ISAAC Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

____ & GLAT, R. ; ORRICO, H.; REDIG, A. G. ; LEAL, F. ; FEIJÓ, G. A inclusão de pessoas com necessidades especiais através dos projetos de extensão do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva da UERJ. In: *Revista Interagir* (UERJ). Rio de Janeiro: RJ: 2005. v. 7, p. 141-146. ISSN 15198847.

____ & REDIG, A. G. A arte como um espaço de possibilidades e ressignificação em classes inclusivas. In: *Cadernos Pestalozzi*. Niterói: Nota Bene. Abr./ago. 2006, volume VI- nº. 1 e 2, p.56-61. ISSN 1517-3097.

____ & REDIG, A. G. Estudo de caso sobre adaptações curriculares em uma classe regular. In: NUNES, Leila Regina Oliveira de Paula; PELOSI, Miryam Bonadiu e GOMES, Márcia Regina (Organizadoras). *Um retrato da comunicação alternativa no Brasil: relatos de pesquisas e experiências - Volume 2*. Rio de Janeiro: Quatro Pontos, 2007. ISBN 978-85-61114-01-5.

____ & ORRICO, H.; REDIG, A. G.; LEAL, F.; FEIJÓ, G. Arte e inclusão: adaptações curriculares tridimensionais e sua aplicabilidade em narrativas de obras de arte para alunos com deficiência visual. In: *Anais eletrônico do II Encontro Iberoamericano de Educação*. Araraquara, SP, 2007.

PERONDI, J. D.; TRONCA, D. S.; TRONCA, F. Z. *Processo de alfabetização e desenvolvimento do grafismo infantil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

SERRA, Otoniel. Estética na arte dos artistas com deficiência. In: *Caderno de Textos: Educação, Arte, Inclusão*. Vol. 4, ano 3, nº 4. Rio de Janeiro: Funarte, agosto/dezembro, 2006.

UNESCO. *Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais*. 1994.